ISSN: 2358-8829

ENTRE IMAGENS E REFLEXÕES: O USO DO AUDIOVISUAL COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID

Maria Eliza Pessoa do Carmo [1]
Maria Vicktoria Clarindo Santana[2]
José Wilton de Freitas Ramos[3]
Jussara Natália M. Belens de Melo[4]

INTRODUÇÃO

O ensino de Sociologia na educação básica desempenha um papel importante na formação dos estudantes, possibilitando a compreensão das relações sociais, das desigualdades e dos diferentes fenômenos que fazem parte da sociedade. Por meio da disciplina, temas como cultura, preconceito, racismo, violência, identidade e relações de poder podem ser discutidos de forma crítica, permitindo que os estudantes reflitam sobre situações presentes em seu cotidiano. Entretanto, um dos desafios presentes no ensino de Sociologia está na aproximação entre os conceitos trabalhados em sala de aula e as experiências vivenciadas pelos próprios alunos. Quando os conteúdos são apresentados de maneira apenas teórica ou distante de sua realidade, pode haver dificuldades na participação e no envolvimento com as discussões propostas diante disso, torna-se necessário pensar em formas de adaptar e aproximar os conhecimentos científicos da realidade escolar, de modo que possam ser compreendidos pelos estudantes. Logo, a transposição didática mesmo ainda sendo um desafio se insere no meio escolar como uma prática pedagógica, com intuito de transpor os conteúdos ou até mesmo, transformar determinados conteúdos científicos de difícil compreensão para as turmas de ensino fundamental e ensino médio (NEVES & BARROS, 2011). Nesse

[1] Graduanda do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, carmo.pessoa@aluno.uepb.edu.br ;
[2] Graduanda do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB m.clarindo@aluno.uepb.edu.br ;
[3] Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Professor da EEEFM Félix Araújo - Campina Grande - PB. wiltonfreitas1@gmail.com ;
[4]Graduada em Ciências Sociais, UFPB, Mestra em Sociologia Rural, UFPB, Doutora em Educação UFPB.Professora do Departamento de Ciências Sociais, UEPB. jussara26@servidor.uepb.edu.br

ISSN: 2358-8829

sentido, torna-se necessário pensar em práticas pedagógicas que possibilitem uma relação mais próxima entre o conhecimento sociológico e o meio social dos jovens.

Essa necessidade de aproximação entre teoria e realidade também está relacionada à perspectiva de educação defendida por Paulo Freire (1996), segundo ele o processo educativo deve possibilitar uma leitura crítica do mundo e considerar os conhecimentos e as experiências trazidas pelos educandos. A partir dessa visão, o ensino não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve o diálogo, participação e a construção dos conhecimentos, possibilitando que os estudantes relacionem os saberes escolares às situações que vivenciam. Para o ensino de Sociologia, essa compreensão é significativa, uma vez que os fenômenos sociais discutidos em sala estão presentes nas experiências cotidianas dos estudantes. Assim, estabelecer relações entre os conteúdos curriculares e a realidade social pode contribuir para que os conceitos sociológicos sejam compreendidos de maneira mais concreta e significativa.

É nesse contexto que o uso de diferentes recursos e linguagens podem contribuir para a construção de práticas de ensino mais participativas. Entre essas possibilidades, se destaca os recursos audiovisuais, como filmes, documentários, reportagens, animações e episódios de séries, que podem ser utilizados como ponto de partida para a discussão de diferentes questões sociais. A presença constante de imagens, sons e produções audiovisuais no cotidiano dos jovens torna essa linguagem próxima de suas experiências culturais e sociais, criando aproximação entre os conteúdos sociológicos e aquilo que os estudantes já conhecem e vivenciam. No entanto, o uso do audiovisual no ensino não deve ser compreendido apenas como uma forma de tornar a aula mais dinâmica ou de substituir a exposição dos conteúdos, essas produções também apresentam representações e interpretações de diferentes realidades, podendo ser analisadas e problematizadas a partir de um olhar sociológico.

Nessa direção, as contribuições de Cristiano Bodart (2019) ajudam a compreender a importância de metodologias que aproximem o ensino de Sociologia da realidade dos estudantes e favoreçam sua participação nas aulas. A partir dessa perspectiva, diferentes linguagens e recursos didáticos podem ampliar as possibilidades de abordagem dos conteúdos, favorecendo debates e interpretações sobre questões sociais presentes no cotidiano dos jovens. Em diálogo com Freire (1996), entendemos que o audiovisual pode contribuir para uma prática pedagógica na qual os estudantes não ocupem apenas a posição de espectadores ou receptores de informações, mas sejam

estimulados a interpretar, questionar e relacionar aquilo que observam com suas próprias experiências de vida. Dessa forma, o audiovisual pode funcionar como uma mediação entre os conceitos sociológicos e a realidade social, contribuindo para o desenvolvimento da reflexão crítica e da autonomia dos educandos.

É a partir dessa compreensão que se desenvolveu a experiência apresentada neste artigo, vinculada às ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). As atividades foram realizadas com estudantes do segundo ano do ensino médio da Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Félix Araújo[5], localizada em Campina Grande-PB. A experiência teve como foco a utilização de diferentes produções audiovisuais como recurso para abordar os conteúdos ministrados na unidade bimestral da escola como os conceitos de cultura, racismo, desigualdade social, estereótipos e preconceitos. Entre os materiais utilizados estiveram produções como *O Povo Brasileiro (2000)*, *O Riso dos Outros (2012)*, *O Xadrez das Cores (2004)*, *Do Meu Lado (2014)*, a série *Raízes (2016)* e episódios de *The Simpsons (2002)*. As atividades foram desenvolvidas buscando também aproximar os estudantes dos autores e dos conceitos trabalhados em sala, possibilitando que reconhecessem esses pensadores e estabelecessem relações entre suas formulações teóricas e as situações apresentadas nas produções. A intenção era aproximar a teoria e a realidade, permitindo, por exemplo, que o conceito de diversidade cultural brasileira, discutido a partir das contribuições de Darcy Ribeiro, pudesse ser identificado pelos estudantes nas situações apresentadas em aula. As atividades foram acompanhadas por momentos de debate e discussão, buscando relacionar as situações apresentadas nas produções às experiências e percepções dos estudantes.

A experiência também permitiu observar que o potencial pedagógico do audiovisual não está somente na exibição de uma produção, mas principalmente no trabalho desenvolvido a partir dela. As discussões posteriores às exibições possibilitaram que os estudantes expressassem suas percepções, relacionassem as situações apresentadas com acontecimentos de seu cotidiano e refletissem sobre comportamentos e representações que, muitas vezes, são naturalizados em suas relações diariamente. O audiovisual foi utilizado como um mecanismo para a problematização

[5]A Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Félix Araújo, será referenciada em outros momentos apenas como “Félix Araújo” ou “Escola Félix Araújo”.

sociológica, permitindo direcionar o estudante de uma posição de espectador para a de sujeito que interpreta criticamente o que é assistido.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar e relatar como a utilização de recursos audiovisuais pode contribuir para romper com práticas tradicionais no ensino de Sociologia, estimulando a reflexão crítica e a autonomia dos estudantes do ensino médio, a partir das experiências desenvolvidas no PIBID de Sociologia da UEPB na escola Félix Araújo. A partir dessa experiência, buscamos refletir sobre as possibilidades do audiovisual enquanto recurso pedagógico e sobre as formas pelas quais sua utilização pode favorecer a participação dos estudantes, a problematização de questões sociais e a aproximação entre os conteúdos sociológicos e suas vivências. Assim, o artigo apresenta as experiências desenvolvidas em sala de aula, destacando as discussões construídas a partir das produções audiovisuais e as contribuições dessa prática para o ensino de Sociologia.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A perspectiva metodológica que norteou este artigo foi desenvolvida a partir das experiências vivenciadas no programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID) de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Como procedimento metodológico foi utilizado o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, principalmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são muito evidentes. Segundo Robert K. (2005), um dos principais teóricos do método, o estudo de caso nos permitiu trabalhar com a observação participante e análise dos registros do diário de campo. Tendo em vista, que a pesquisa se concentrou em uma realidade específica, com estudantes do segundo ano do ensino médio da Escola cidadã integral técnica ECIT Félix Araújo, localizada na cidade de Campina Grande-PB.

Para a realização deste trabalho, adotamos uma abordagem qualitativa, devido a necessidades de compreender as experiências, percepções e interações dos estudantes diante da utilização de recursos audiovisuais nas aulas de sociologia, considerando os aspectos subjetivos e sociais presentes ao longo do processo educativo. A metodologia utilizada foi a observação participante considerando que as pesquisadoras estiveram diretamente envolvidas nas atividades de sala de aula por meio das ações do PIBID.

ISSN: 2358-8829

As atividades ocorreram por meio de documentários, reportagens, animações e episódios de séries para discutir temas da unidade bimestral como: Cultura, Racismo, desigualdade social, preconceito e estereótipos. Após as exibições eram realizados momentos de debate em sala, permitindo observar a participação dos estudantes, suas reações diante das propostas pedagógicas e os impactos do uso do audiovisual no engajamento e na compreensão dos conteúdos trabalhados nas aulas de Sociologia.

Os registros das experiências foram feitos a partir das observações em sala de aula, das falas dos estudantes durante os debates e das interações construídas ao longo das atividades. Embora as falas dos estudantes não sejam apresentadas de forma direta neste artigo, esses momentos foram registrados no diário de campo das pesquisadoras, constituindo uma fonte importante para a análise da experiência. Os registros possibilitaram retomar as situações vivenciadas em sala, as diferentes reações dos estudantes diante das produções audiovisuais e as relações estabelecidas por eles entre os conteúdos discutidos e suas próprias experiências.

c

REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 - Ensino de sociologia e construção da reflexão crítica

O ensino de Sociologia na educação básica possui um papel importante na formação crítica dos estudantes, contribuindo para a compreensão das relações sociais, das desigualdades e dos diferentes fenômenos presentes na sociedade. A disciplina possibilita discussões sobre cultura, preconceito, racismo, violência, relações de poder e identidade, favorecendo reflexões sobre questões que fazem parte do cotidiano dos alunos.

Entretanto, um dos desafios presentes no ensino de Sociologia está relacionado à dificuldade de aproximar os conteúdos teóricos da realidade vivenciada pelos estudantes. Em muitos casos, os conceitos sociológicos acabam sendo apresentados de maneira excessivamente abstrata, o que pode dificultar a participação dos alunos e o interesse pelas discussões desenvolvidas em sala de aula. Dessa forma, é necessário pensar em metodologias que favoreçam maior aproximação entre os conteúdos escolares e as experiências sociais dos estudantes.

ISSN: 2358-8829

De acordo com Paulo Freire (1996) a educação deve possibilitar ao sujeito uma leitura crítica da realidade, permitindo que o estudante compreenda o mundo para além da simples memorização de conteúdos. Para o autor, o processo educativo precisa considerar os conhecimentos e as vivências dos educandos, valorizando o diálogo e a participação ativa na construção do conhecimento. Nesse sentido, a prática pedagógica deixa de ser apenas transmissiva e passa a estimular a reflexão crítica sobre a realidade social. A perspectiva freireana contribui para pensar o ensino de Sociologia como um espaço de problematização social, no qual os estudantes possam relacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula com situações presentes em seu cotidiano. A aproximação entre teoria e realidade torna-se importante para que os alunos consigam compreender os conceitos sociológicos de forma mais significativa, reconhecendo sua presença nas relações sociais vivenciadas diariamente. Nessa perspectiva, Freire (1996) afirma:

> Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes elas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.(FREIRE. 1996. p.17)

A partir dessa reflexão apresentada por Freire (1996), podemos compreender que o ensino não deve estar afastado da realidade social dos estudantes. No ensino de Sociologia, essa aproximação se torna ainda mais significativa, uma vez que os fenômenos sociais discutidos em sala de aula estão diretamente presentes no cotidiano dos alunos. Questões como desigualdade social, preconceito, identidade, cultura, violência e relações de poder podem ser problematizadas a partir das experiências vivenciadas pelos próprios estudantes, possibilitando que os conceitos sociológicos sejam compreendidos de maneira mais concreta e significativa.

De acordo com o autor Cristiano Bodart (2019) se destaca a importância da construção de metodologias que dialoguem com o contexto dos estudantes e favoreçam maior participação nas aulas de Sociologia. O autor aponta que o ensino da disciplina enfrenta desafios relacionados tanto à forma como os conteúdos são apresentados quanto à necessidade de tornar o conhecimento sociológico mais próximo da realidade juvenil. Dessa maneira, pensar estratégias pedagógicas diversificadas é relevante para

ampliar o interesse e a participação dos estudantes no processo de aprendizagem. Considerando a necessidade de desenvolver práticas de ensino que aproximem o conhecimento sociológico da realidade dos educandos e favoreçam sua participação ativa (BODART, 2019).

Sendo assim, o uso de recursos didáticos que façam parte das experiências culturais dos alunos pode contribuir para a construção de aulas mais participativas e reflexivas. A utilização de diferentes linguagens no ensino de Sociologia possibilita novas formas de abordagem dos conteúdos, favorecendo debates, interpretações e análises sobre questões sociais presentes no cotidiano dos estudantes.

3.2 - O uso de recursos audiovisuais no ensino de sociologia

Diante da necessidade de tornar o ensino de Sociologia mais próximo da realidade dos estudantes do ensino médio, o uso de recursos audiovisuais surgiu como uma importante estratégia pedagógica no ambiente escolar. Filmes, documentários, séries, vídeos, músicas e outras produções audiovisuais possibilitam que os conteúdos sociológicos sejam trabalhados de maneira mais dinâmica e contextualizada, o que no contexto da escola Félix Araújo favoreceu mais ainda o envolvimento dos alunos nas discussões propostas em sala de aula.

A presença das mídias audiovisuais no cotidiano dos jovens faz com que esses recursos se tornem ferramentas relevantes no processo de educação. Os estudantes estão diariamente em contato com imagens, sons, redes sociais e diferentes formas de comunicação visual, o que permite que o audiovisual funcione como uma linguagem mais próxima de suas experiências sociais e culturais. Incorporar esses elementos às aulas de Sociologia pode contribuir para aproximar os conceitos teóricos da realidade vivenciada pelos alunos.

Nesse sentido, as contribuições de Paulo Freire sobre uma educação dialógica, participativa e voltada à construção da autonomia dos educandos são fundamentais para compreender a importância dessas práticas pedagógicas. Em *Pedagogia da Autonomia* (1996), Freire defende uma educação baseada no diálogo, na participação e na construção crítica do conhecimento. Para o autor, ensinar não significa apenas transmitir conteúdos, mas criar possibilidades para que os educandos desenvolvam autonomia e capacidade crítica diante da realidade social. Com a experiência no PIBID nos

ISSN: 2358-8829

aproximamos desta perspectiva ao buscar construir aulas em que os estudantes não fossem apenas ouvintes, mas sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

As reflexões de Cristiano Bodart (2019) também auxiliam na compreensão dessa experiência. O autor destaca a necessidade de metodologias que aproximem o ensino de Sociologia da realidade dos estudantes, rompendo com práticas muito teóricas e pouco conectadas ao universo dos jovens. Durante as experiências em sala de aula no PIBID de sociologia, observou-se que os recursos audiovisuais favoreceram exatamente essa aproximação, permitindo que os alunos compreendessem os conteúdos sociológicos por meio de situações concretas e linguagens mais acessíveis ao seu cotidiano.

A partir das contribuições teóricas de Freire (1996) e Bodart (2019), compreendemos que o audiovisual não representa apenas um recurso complementar, mas uma ferramenta capaz de aproximar os estudantes dos conteúdos sociológicos, estimular o diálogo e favorecer a construção da autonomia e do pensamento crítico no ambiente escolar.

Para pensarmos o audiovisual como um recurso pedagógico exige ir além da ideia de que filmes, séries, documentários e vídeos são apenas instrumentos capazes de tornar a aula mais dinâmica. As produções apresentadas em sala também carregam formas de interpretar e representar a realidade. Quando determinado grupo social é apresentado em uma obra audiovisual, não estamos diante da realidade em si, mas de uma construção realizada a partir das escolhas, perspectivas e valores. O que aparece na tela, a maneira como aparece e aquilo que é deixado de fora também reproduzem significados.

Essa dimensão torna o audiovisual interessante para o ensino de Sociologia. Se as produções audiovisuais fazem parte do cotidiano dos estudantes, elas também podem ser usadas como objetos de análise sociológica. Uma cena, um personagem, uma narrativa ou uma reportagem podem ser utilizados para questionar representações sobre determinados grupos, identificar estereótipos e discutir relações de poder presentes na sociedade. Dessa forma, o audiovisual deixa de ser somente um recurso utilizado para apresentar determinado conteúdo e se torna o próprio objeto da reflexão.

Essa perspectiva é especialmente relevante quando se trabalha com temas como racismo, desigualdade, cultura e preconceito. As imagens que circulam socialmente participam da formação dos indivíduos e de grupos, reproduzindo determinados estereótipos que provocam questionamentos sobre eles. Levar essas produções para a

ISSN: 2358-8829

sala de aula significa, portanto, criar a possibilidade de que os estudantes desenvolvam um olhar mais atento para aquilo que consomem diariamente.

No ensino de Sociologia, essa análise permite deslocar o estudante de uma posição de espectador para a de sujeito que interpreta criticamente aquilo que vê assim como discutido em Freire (1996). O objetivo não é apenas perguntar o que uma produção audiovisual apresenta, mas compreender quais sentidos estão sendo construídos, quais grupos são representados, de que maneira são representados e quais relações sociais podem ser percebidas por meio dessas representações. A linguagem audiovisual, nesse caso, também é uma porta de entrada para a problematização da realidade social.

É nessa perspectiva que o uso do audiovisual ganha relevância nas experiências desenvolvidas pelo PIBID na escola Félix Araújo. As produções utilizadas nas aulas não foram compreendidas como substitutas da discussão sociológica, mas como possibilidades para iniciá-las. A partir delas, situações relacionadas à cultura, ao racismo, ao preconceito, à desigualdade e aos estereótipos puderam ser colocadas em discussão, permitindo que os estudantes tomassem consciência de suas próprias referências e, ao mesmo tempo, fossem provocados a analisá-las a partir dos conceitos trabalhados em Sociologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão sobre o uso do audiovisual nas aulas de Sociologia ganha outra dimensão quando observada a partir da experiência concreta vivenciada no Programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID). Na escola Félix Araújo, os recursos audiovisuais não apenas foram utilizados como uma forma de tornar as aulas mais atrativas ou de preencher o tempo destinado à exposição dos conteúdos. A escolha dos filmes, documentários, reportagens, animações e episódios de séries esteve relacionada à tentativa de criar pontos de partida para discutir fenômenos sociais que, muitas vezes, já faziam parte da experiência dos alunos, mas que ainda não eram percebidos por eles a partir da perspectiva sociológica.

Essa distinção é importante. Exibir um filme em sala, por si só, não garante uma aprendizagem mais significativa. O potencial pedagógico do audiovisual está justamente no trabalho realizado a partir dele: nas questões apontadas, nas

ISSN: 2358-8829

interpretações dos estudantes, nos conflitos de opiniões que aparecem durante o debate e na possibilidade de relacionar aquilo que foi apresentado na tela com situações presentes no cotidiano dos alunos. Foi nesse diálogo entre a linguagem audiovisual e a reflexão sociológica que as experiências desenvolvidas no PIBID adquiriram maior significado.

Durante as atividades realizadas com a turma do segundo ano do ensino médio, diferentes produções foram utilizadas para abordar temas como cultura, racismo, desigualdade social, preconceito e estereótipos. Uma dessas experiências ocorreu a partir da exibição de produções que possibilitaram discutir as relações entre preconceito, discriminação e racismo. A utilização do curta-metragem *Do meu lado* (2014), por exemplo, permitiu trabalhar situações de discriminação racial e religiosa a partir de uma narrativa próxima da linguagem consumida pelos jovens. A atividade não se encerrou com a exibição do filme. A produção serviu como ponto de partida para uma discussão na qual os conteúdos trabalhados em sala puderam ser relacionados às situações presentes nas relações sociais. Os conceitos discutidos deixaram de aparecer somente como definições apresentadas no quadro e passaram a ser discutidos a partir de situações concretas representadas na produção audiovisual.

Outra experiência ocorreu com a utilização de *O xadrez das cores* (2004), que também possibilitou discutir questões relacionadas ao preconceito racial e às relações construídas socialmente. A escolha de diferentes produções para tratar de temas próximos também mostrou que um mesmo conteúdo pode ser trabalhado por meio de linguagens e narrativas distintas. Após os momentos de exibição eram realizados debates, nos quais os estudantes eram convidados a expressar suas percepções e relacionar o conteúdo apresentado com situações do seu cotidiano, nos quais se mostraram particularmente importantes, pois permitiu perceber que o audiovisual não encerrava a discussão, pelo contrário, funcionava como um ponto de partida para que ela acontecesse.

Em algumas situações, o conteúdo apresentado provocava nos estudantes reações baseadas em suas próprias experiências e repertório cultural. É justamente nesse momento que o ensino de Sociologia cumpre com uma de suas funções, ou seja, transformar uma percepção inicialmente comum em um objeto de reflexão crítica. O estudante parte de algo que reconhece, mas é provocado a olhar novamente para a situação no qual passa a identificar relações de poder, desigualdades, preconceitos e

ISSN: 2358-8829

construções sociais que nem sempre aparecem de maneira evidente no cotidiano. Entre as experiências, a exibição da série *Raízes* (2016) se destacou pelas reações provocadas nos estudantes diante das situações de violência representadas ao longo da narrativa.

As cenas de violência contra os corpos negros, especialmente aquelas vivenciadas pelo personagem "Kunta Kinte", mobilizavam a sensibilidade dos estudantes e provocavam manifestações durante a exibição. Em determinados momentos, era possível perceber que essas situações não eram recebidas apenas como informações sobre um acontecimento histórico, mas despertavam sentimentos de indignação, tristeza e comoção diante da violência representada. O mesmo acontecia nas cenas de violência vivenciadas pelas mulheres, nos conflitos e lutas apresentados ao longo da série, que também provocavam envolvimento emocional por parte dos estudantes. Essas experiências mostraram que o audiovisual não atuava somente na transmissão ou ilustração de um conteúdo, mas também criava uma aproximação afetiva com aquilo que estava sendo discutido.

Outro momento que permitiu que os estudantes fossem tocados pelas situações apresentadas, foi com a exibição do documentário *O riso dos outros* (2012) , em que utilizado para discutir os limites do humor e a relação entre comédia, preconceito e desigualdade. Ao longo da produção, foram apresentadas diferentes situações envolvendo piadas racistas, transfóbicas, machistas, gordofóbicas e outras formas de humor direcionadas a grupos socialmente vulnerabilizados. A reação da turma diante dessas cenas foi bastante diversa: enquanto alguns estudantes riam das situações apresentadas, outros demonstravam incômodo e chegaram a chorar durante a exibição. Essa diferença de reações tornou ainda mais evidente a necessidade de discutir o que estava sendo apresentado e quais experiências sociais estavam envolvidas naquele tipo de humor.

O debate realizado após a exibição possibilitou que essas diferentes reações fossem verbalizadas pelos estudantes. Entre os relatos compartilhados, um deles chamou particularmente mais atenção. Um estudante relatou que as piadas de caráter machista, especialmente aquelas relacionadas à violência sexual contra as mulheres, provocavam nele um incômodo profundo. Ao explicar sua reação, compartilhou que uma pessoa muito próxima, sua mãe, havia vivenciado uma situação de violência.

O relato mobilizou a todos que estavam presentes no momento, provocando comoção entre os estudantes, que permaneceram atentos ao que estava sendo

ISSN: 2358-8829

compartilhado. O fato de o estudante ter se sentido à vontade para trazer uma experiência tão pessoal para aquele espaço também evidenciou a dimensão que o debate havia adquirido para a turma. A atividade teve continuidade por meio de uma roda de conversa, na qual a discussão sobre preconceito e violência foi ampliada para situações vivenciadas pelos próprios estudantes.

Nesse momento, ocorreu um movimento que consideramos particularmente significativo para a experiência, os estudantes não se identificaram apenas como possíveis vítimas de preconceito, mas também como agressores, começaram a reconhecer situações nas quais poderiam ocupar o lugar de quem reproduz determinadas práticas. Foram mencionadas situações ocorridas dentro da própria turma e para além da sala de aula, incluindo episódios relacionados ao capacitismo vivenciados por uma estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) assim como práticas de racismo recreativo frequentemente ocorridos no espaço escolar a discussão possibilitou que alguns estudantes refletissem sobre esses comportamentos que anteriormente poderiam ser compreendidos apenas como brincadeiras, passando a questionar os efeitos dessas atitudes sobre outras pessoas.

A partir dessa reflexão, alguns estudantes demonstraram forte envolvimento emocional durante a roda de conversa, inclusive com manifestações de arrependimento e reconhecimento de situações nas quais haviam reproduzido preconceitos. O que chamou a atenção, neste momento, não foi somente a emoção demonstrada, mas o resultado produzido pela atividade em vez de reconhecer o preconceito apenas como algo praticado por outras pessoas, os estudantes passaram a questionar suas próprias atitudes e a maneira como determinados comportamentos são aprendidos e reproduzidos socialmente. A discussão permitiu, portanto, ultrapassar uma compreensão do preconceito baseada somente na oposição entre vítimas e agressores e desnaturalizar determinadas formas de violência.

Essa experiência reforçou a importância da mediação realizada após a exibição. O documentário, por si só, não produziria necessariamente esse processo de reflexão. Foi a articulação entre a produção audiovisual, os relatos dos estudantes e a roda de conversa que possibilitou transformar as reações iniciais em objeto de análise. Nesse sentido, o audiovisual funcionou como um disparador para que situações que muitas vezes permanecem naturalizadas no cotidiano pudessem ser nomeadas, discutidas e questionadas pelos próprios estudantes.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID) permitiu perceber que trabalhar com audiovisual nas aulas de Sociologia vai muito além de exibir filmes, séries ou documentários como complemento dos conteúdos. Ao acompanhar as atividades na Félix Araújo, percebemos que essas produções poderiam abrir espaço para discussões que dificilmente apareceriam da mesma maneira apenas a partir da exposição dos conceitos. As reações dos estudantes, as falas que surgiam durante os debates e as relações que eles estabeleciam com suas próprias experiências mostraram que o audiovisual pode funcionar como um ponto de partida para olhar novamente para situações que já faziam parte de seus cotidianos.

A abordagem qualitativa foi importante justamente porque nosso olhar esteve voltado para essas experiências, não buscando medir a aprendizagem dos estudantes ou estabelecer resultados gerais sobre o uso do audiovisual. O que acompanhamos foram as interações, as falas, as reações e os sentidos construídos pelos estudantes durante as atividades. A observação participante nos colocou dentro desse processo, permitindo que estivéssemos próximas das discussões trabalhadas na turma na qual abordamos neste artigo.

Foi durante os encontros que também compreendemos melhor a importância da mediação. Nossa participação acontecia principalmente durante as exibições e, sobretudo, nos debates conduzidos pelo professor supervisor, distribuídos pela sala para acompanhar diferentes grupos de estudantes e, durante as discussões, retomamos suas falas, perguntávamos o que havia chamado sua atenção, o que percebiam nas cenas e quais relações conseguiam estabelecer com aquilo que está presente no seu cotidiano. Muitas vezes, uma fala trazia outra questão, uma experiência pessoal levava a outra reflexão ou uma opinião apresentava uma ideia preconcebida que precisava ser problematizada. Foi nesse movimento que fomos entendendo que mediar não é simplesmente conduzir perguntas, mas saber ouvir o que está sendo dito e perceber quais caminhos aquela fala pode abrir para a discussão sociológica.

As experiências com *Raízes (2016)* e *O Riso dos Outros (2012)* deixaram isso ainda mais evidente. As reações emocionais dos estudantes diante das produções não foram tratadas como o resultado final da atividade, mas sim incorporadas às discussões

ISSN: 2358-8829

e serviram para mediar questões como racismo, violência, preconceito e naturalização de determinadas práticas fossem colocadas em debate. No caso de O Riso dos Outros, por exemplo, o relato compartilhado por um estudante e, posteriormente, a roda de conversa fizeram com que a discussão avançasse para situações vivenciadas dentro e fora da escola. Alguns estudantes passaram a reconhecer que não ocupavam apenas o lugar de quem poderia sofrer preconceito, mas que também poderiam reproduzi-lo.

Esses momentos também nos fizeram compreender que os estudantes não chegam à aula sem conhecimentos. Eles trazem experiências, situações familiares, conteúdos que consomem e referências de outros espaços para dentro da discussão. Aprendemos, então, a prestar atenção a esse repertório e a utilizá-lo como parte da própria mediação, sem deixar que o debate permanecesse apenas no campo das opiniões. Quando apareciam falas marcadas por preconceitos ou por ideias naturalizadas, nosso papel também era provocar outras perguntas e buscar compreender de onde aquelas concepções partiam e como poderiam ser problematizadas a partir de um olhar sociológico.

Depois das aulas, essas questões continuavam sendo discutidas, retomávamos falas dos estudantes, situações que haviam chamado nossa atenção e a diferença da mesma metodologia aplicada em diferentes turmas. Essas conversas nos ajudaram a olhar para a sala de aula não apenas como o lugar onde uma atividade acontece, mas como um espaço em que também precisamos aprender a observar, escutar e refletir sobre nossa própria atuação enquanto docente. Uma mesma proposta produzia diferentes reações, e perceber isso foi parte importante da nossa formação.

Por isso, o audiovisual se torna um recurso de aprendizagem após acompanhar sua utilização na prática, podemos entender suas possibilidades, seus limites e a importância de não utilizá-lo apenas porque uma produção dialoga com determinado conteúdo. O que faz diferença está no trabalho construído a partir dela, nas perguntas, na escuta, na mediação e na possibilidade de transformar aquilo que os estudantes trazem em uma discussão sociológica. A experiência não nos mostrou uma fórmula para utilizar o audiovisual em todas as aulas, mas nos permitiu compreender melhor como esse recurso pode ser incorporado à prática docente de maneira intencional e relacionada à realidade de cada turma.

A participação no PIBID, nesse sentido, foi importante não apenas porque nos colocou em contato com diferentes possibilidades metodológicas para o ensino de

Sociologia, mas porque nos permitiu vivenciar o chão da escola e compreender aspectos da docência que não se aprendem somente nas discussões teóricas. Estar em sala, acompanhar as reações dos estudantes, participar das discussões e depois refletir sobre o que havia acontecido nos ajudou a construir um olhar mais atento para a prática docente. Saímos dessa experiência não com a ideia de que o audiovisual resolve os desafios do ensino de Sociologia, mas com a compreensão de que ele pode abrir caminhos para a reflexão quando existe uma mediação capaz de transformar o que aparece na tela em uma questão para pensar a realidade social.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; Audiovisual; Metodologias de Ensino; PIBID; Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, pela força e perseverança ao longo dessa caminhada. À UEPB e ao PIBID, pela oportunidade de aproximar nossa formação acadêmica da prática docente. A escola Félix Araújo e ao professor supervisor, pelo acolhimento, acompanhamento e contribuições durante as atividades. Aos estudantes do segundo ano do ensino médio, pela participação, pelos questionamentos e pelas experiências compartilhadas, fundamentais para nossa formação enquanto futuras docentes. Por fim, agradecemos aos colegas e professores que contribuíram para a construção dessa experiência e para nosso crescimento acadêmico e profissional.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BODART, Cristiano das Neves. Sociologia escolar como objeto de pesquisa: condicionante ao avanço qualitativo da docência. In: BODART, Cristiano das Neves (org.). *O ensino de Humanidades: Sociologia, Filosofia, História e Geografia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2019.

BODART, Cristiano das Neves. *O que aprender para ensinar Sociologia*. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Neves, K. C. R., & Barros, R. M. de O. (2016). DIFERENTES OLHARES ACERCA DA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA. *Investigações Em Ensino De Ciências*, *16*(1), 103-115. https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/249

RAMOS, José Wilton de Freitas. *"Sociologia.DOC – assistir, debater e agir": análise de uma experiência com a exibição de documentários nas aulas de Sociologia*. Paraíba: Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, 2017.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. Bookman editora, 2005.

REFERÊNCIAS DE MÍDIAS AUDIOVISUAIS

ARANTES, Pedro. *O riso dos outros*. Direção e roteiro: Pedro Arantes. Produção: Angelo Ravazi e Ricardo Monastier. São Paulo: Massa Real, 2012. 1 documentário (52 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GowlcUgg85E. Acesso em: 29 set. 2026.

DO MEU LADO. Direção: Tarcísio Lara Puiati. Brasil: Caju Cinema; Imagem-Tempo, 2014. 1 vídeo (14 min). Disponível em: https://youtu.be/DSBVBLAI-yw. Acesso em: 29 set. 2026.

NOYCE, Phillip; VAN PEEBLES, Mario; CARTER, Thomas; BERESFORD, Bruce (dir.). *Raízes*. Estados Unidos: History Channel; A+E Studios, 2016. Minissérie televisiva. Acesso em: 29 set. 2026.

OS SIMPSONS. *Feitiço de Lisa*. Direção: Steven Dean Moore. Roteiro: Bob Bendetson. Estados Unidos: Fox, 2002. 1 episódio de série de animação. Temporada 13, episódio 15. Acesso em: 29 set. 2026.

SCHIAVON, Marco. *O xadrez das cores*. Brasil, 2004. 1 vídeo (22 min). Disponível em: https://youtu.be/fDRzaHf7hyo. Acesso em: 29 set. 2026.